

O que o contextualismo tem a ver com o ceticismo?

Enrique Villanueva
UNAM

Tradução: Jefferson dos Santos Marcondes Leite
(IFPA – *campus* Breves)
Email: kingdoomanathema@yahoo.com.br

Revisão técnica: Plínio Junqueira Smith
(UNIFESP)
Email: plinio.smith@gmail.com

Em seu artigo¹, o professor Robert Fogelin discute uma concepção segundo a qual o contextualismo tem um impacto sobre o ceticismo. Quero enfatizar como o contextualismo que ele supõe poderia afetar o ceticismo².

I. O Objetivo de Fogelin

Fogelin defende uma análise das razões de “S sabe que p” e a relaciona com níveis de escrutínio que engendram tanto (a) o contexto de responsabilidade epistêmica quanto (b) a dúvida hiperbólica como relevante para afirmações de conhecimento. O espectro do relativismo aparece com a possibilidade de que as razões poderiam ser absorvidas pelo contexto, mas Fogelin não é vítima desse erro. O contexto — no artigo de Fogelin — torna-se um dispositivo útil usado por um mecanismo epistêmico que aumenta níveis de escrutínio, permitindo-nos corrigir uma afirmação de conhecimento feita de alguma maneira com pressa; por outro lado, o nível do contexto também se torna um mecanismo útil para entender o funcionamento do ceticismo e algo que nos permite evitar teorizar com o que ele considera um objetivo alegadamente desastroso, isto é, tentar derrotar o ceticismo radical.

II. Um mecanismo que eleva os níveis de escrutínio

Refletir sobre [...] a existência de revogadores possíveis mesmo muito remotos pode nos levar a abandonar uma afirmação de conhecimento que previamente achávamos não problemática (p. 45/031).

Uma ideia central em minha explicação de nossos procedimentos justificatórios ordinários é que eles comumente

¹ [N. do T.: A segunda referência é à tradução brasileira presente neste volume da revista].
Texto originalmente publicado em *Philosophical Issues*, 2000, 10: 67-71. (Copyright © 2018 Philosophical Issues, LLC. All rights reserved). Agradecemos ao editor Ernest Sosa, à *Philosophical Issues* e à John Wiley & Sons por permitirem a publicação desta tradução.

O que o contextualismo tem a ver com o ceticismo?

contêm o que eu chamo de mecanismos que elevam os níveis de escrutínio (p. 48/06).

Que tipo de mecanismos são estes?

O mecanismo funciona aumentando o nível de escrutínio e elevando os padrões de justificação, ativando assim os anuladores das afirmações de conhecimento; conseqüentemente, ele tem tanto um resultado positivo quanto um negativo.

O resultado positivo do mecanismo: aplicado aos casos Gettier, ele descreve afirmações de conhecimento feitas por um sujeito S, de um terceiro ponto de vista, no qual outro sujeito, ST, está a par de informações extras que faltam a S (p. 53/11-12), introduzindo assim outro nível de escrutínio, no qual aparentemente S agiu com irresponsabilidade epistêmica (p. 53/12), e isso explicaria o porquê de perdermos a afirmação de conhecimento.

O resultado negativo do mecanismo: há um escrutínio filosófico constante (p. 53/12) que aumenta o nível de escrutínio, ativando anuladores possíveis, anuladores que normalmente não consideraríamos. No nível mais alto de escrutínio, os padrões de justificação são elevados. Esses padrões de justificação “são profundamente vinculados ao contexto” (p. 47/06) e ao levantá-los

[...] nós ampliamos o alcance de possíveis revogadores que devem ser eliminados antes de aceitarmos alguma afirmação como justificada (p. 48/06).

Quando fazemos isso, entramos no seguinte caminho fatal:

[...] a teoria do conhecimento, buscada no contexto de uma série ilimitada de revogadores [...], inevitavelmente levará a um ceticismo de tipo radical (p. 48/07).

III. Epistemologia desordenada

Detenhamo-nos para examinar o que aconteceu para chegarmos ao resultado negativo. Primeiro, houve o aumento do nível de escrutínio, assim saltando um nível acima para um contexto novo em que outros padrões de justificação estão operando (um contexto mais exigente) e isto, por sua vez, amplia o leque de possíveis anuladores salientes. Depois, segundo, dentro do padrão novo, a afirmação de conhecimento é anulada³. Estes teóricos mantêm-se demorando sobre mais e mais com ilimitados escrutínios, movendo cada vez mais alto o nível em uma sucessão de novos contextos.

[...] quando fazemos epistemologia, é a saliência que dá ao ceticismo sua mordida.

[...] a epistemologia pode transformar a saliência em uma arma mortal contra si mesma (p. 53-54/12).

Frente a essa grande quantidade de anuladores ilimitados, nenhuma teoria do conhecimento poderia ter sucesso, pois todas as razões para as afirmações de conhecimento serão canceladas e o ceticismo radical vencerá. Não haveria razões o bastante para sustentar uma única afirmação de conhecimento. Na perspectiva do ceticismo radical, as “razões” são eliminadas do jogo da justificação epistêmica.

[...] a epistemologia tem a característica desagradável de, quando levada a sério, destruir seu próprio assunto (p. 54/12).

A epistemologia quer garantir a certeza e tenta eliminar todos os anuladores possíveis, e, ao tentar fazer isso, ela abole a certeza, o que a leva a se autodestruir ao tornar impossível estabelecer racionalmente qualquer afirmação de conhecimento. Vale tudo, pois todos os padrões de justificação tornam-se inúteis no nível ou contexto mais alto elevado pelo epistemólogo.

IV. Uma cura para a teorizar com o ceticismo radical

Há uma cura para essa doença epistemológica? Fogelin acha que há. Ela tem que parar o mecanismo que aumenta o nível de escrutínio e o aumento sem fim dos padrões de justificação. Quando sai do controle, esse mecanismo torna-se fatal para a epistemologia. Onde ele deveria ser parado? De onde a epistemologia obtém sua fonte para destruir seu próprio objeto?

[...] Eu a localizo na tendência do filósofo de deixar o mecanismo (muito útil) de níveis mais altos de escrutínio ficar hiperbólico (p. 49/07).

Mas como fazer isto sem cair em provincianismo? Como estabelecer um critério consistente que separe o uso correto do uso incorreto do mecanismo pelo qual os níveis de escrutínio são elevados? Fogelin aceita uma resposta pirrônica: não ceder a anuladores ilimitados e, assim, não tentar fazer aquele tipo de epistemologia.

O que deveria ser interrompido, de acordo com Fogelin, é a epistemologia como um empreendimento gigantomaquia que tenta nocautear todos os anuladores possíveis, um empreendimento que

não é adequado para sujeitos epistemológicos finitos, tais como os seres humanos. Essa epistemologia gigantomaquia é uma tarefa desproporcional que ultrapassa os poderes epistêmicos finitos dos seres humanos.

Então, de acordo com Fogelin, se não cairmos na armadilha de tentar nocautear os anuladores ilimitados, podemos fazer nossos negócios epistêmicos factíveis. A epistemologia colossal tem que ser abandonada para o ceticismo radical:

[...] o campo da epistemologia é completamente abandonado ao cético teórico, cujos argumentos, nos diz Hume, “não admitem nenhuma resposta e não produzem nenhuma convicção”, ou como ele poderia ter dito, nenhuma convicção duradoura (p. 54/13).

Estes contextos elevados, nos quais a dúvida hiperbólica cresce, deveriam ser abandonados e dados gratuitamente para aquele cético. Epistemólogos sensatos deveriam esquecê-los. Longe de ser constitutivo (e levando ao relativismo), os contextos provam ser apenas dispositivos heurísticos que ajudam a localizar o que está acontecendo, como os filósofos perdem sua trilha e se envolvem em uma teorização impossível.

Mas, como eu indiquei antes, isso cheira a provincianismo. Vamos fechar o jogo somente para aquelas dúvidas que são tratáveis, isto é, solucionáveis, e não deixar a dúvida mais radical entrar? Vamos estipular que aqueles contextos mais altos deveriam ser protegidos de considerações teóricas? E se, além das aparências, as nossas afirmações de conhecimento repousarem sobre um imenso chão de falsidades e crenças errôneas? Devemos virar nossas costas para essa possibilidade cética radical e enfrentar somente as dúvidas ou os níveis de escrutínio com que podemos lidar? Esse parece um conselho desesperado.

E quanto à posição do cético radical? Temos uma explicação adequada da dialética do seu argumento? Deve ele ser dispensado antes de se dar uma consideração detalhada das suas premissas e das suas razões subjacentes, de modo que possamos identificar aquelas que carregam mais peso etc.? É preciso de uma análise completa dos argumentos céticos antes de optarmos pelo dogmatismo.

Fogelin não tenta um argumento demonstrativo contra o ceticismo radical; ao invés disso, ele fornece um conselho prático de prudência epistêmica: não siga aquele cético radical, pule fora do contexto espiralado de escrutínio ilimitado e padrões de justificação que aumentam e levam fatalmente à dúvida hiperbólica. Ele oferece, no lugar disso, um alerta, no espírito do pirronismo, para não nos engajarmos nesse tipo de teorização, mas nos voltarmos para tarefas factíveis.

Não devemos nos precipitar e aceitar o caráter invencível do cético radical. Como em outros assuntos, não devemos seguir o conselho de Hume. Ao invés disso, podemos considerar isso como outro tipo de ignorância: apenas ainda não sabemos o caminho para responder ao cético radical. Devemos nos abster da arrogância epistêmica, pensando que podemos ter resposta para tudo neste momento. Ao contrário, podemos nos considerar como em um estado provisório: não sabemos se sabemos, nem se não sabemos. Enquanto apostamos que sabemos, podemos permanecer abertos à dúvida cética procurando razões epistêmicas sólidas de modo a fortalecer as bases de nossa confiança; podemos continuar adicionando respostas objetivas às nossas múltiplas e variadas afirmações de conhecimento.

Do fato de que não sabemos como tratar do cético radical, nenhuma afirmação modal se segue no sentido de que não podemos tratá-lo mesmo⁴. Segue-se somente que no momento nos faltam as ferramentas teóricas para lidar com esse cético radical e que devemos procurar mais. Não temos um argumento demonstrativo que prove ser impossível refutar o cético radical. Poderia haver uma maneira teórica de anular essas dúvidas hiperbólicas e impedir a multiplicação de contextos que exigem mais escrutínio.

Portanto, quero oferecer um tipo diferente de conselho: devemos continuar a buscar estratégias para construir um argumento demonstrativo contra o cético radical e, ao mesmo tempo, continuar com a atividade epistêmica. Não devemos ignorar o cético radical, pois é ele, afinal de contas, quem faz aquelas profundas afirmações que podem fazer da epistemologia um empreendimento apaixonante, um empreendimento que pode entusiasmar mesmo em meio a bastante ignorância.

¹ Os números entre parênteses se referem às páginas do artigo de Fogelin no presente volume.

² Embora o artigo do Professor Fogelin trate da visão de David Lewis sobre o ceticismo e o contextualismo, estarei preocupado somente com a visão do próprio Fogelin.

³ Observe que Fogelin não está comprometido — na análise dos casos Gettier, por exemplo — a dizer que primeiro o sujeito sabe e então, no novo contexto, deixa de saber; o que ele assere é que a afirmação de conhecimento que parecia ser válida à primeira vista, deixa de parecer válida (isso seria devido à ajuda fornecida pelo mecanismo de aumento de escrutínio). O sujeito nunca soube.

⁴ Esta tendência de pular para conclusões modais foi diagnosticada primeiramente por Kant como parte da Razão Dialética. Eu defendo essa ideia em meu “Explanation, Supervenience and Modal Claims” (no prelo).